

VISÃO DO CORREIO

Doses a mais e adesões a menos

Pouco mais de um mês após o início da vacinação, em dose única, contra o papiloma vírus humano (HPV), a cobertura vacinal ainda patina em grande parte dos estados brasileiros. A decisão do Ministério da Saúde de reduzir a aplicação de duas para uma única dose via Sistema Único de Saúde (SUS) para as crianças e adolescentes de 9 a 14 anos foi justamente uma recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que concluiu que uma dose da vacina já oferece uma proteção significativa contra o vírus.

O grupo prioritário também inclui pessoas com imunocomprometimento, vítimas de violência sexual e outras condições específicas, conforme disposição do Programa Nacional de Imunizações (PNI), podendo receber a vacina até os 45 anos. É importante lembrar que o HPV é associado a mais de 90% dos casos de câncer de colo do útero.

À época, a ministra da Saúde, Nísia Trindade, chegou a convocar agentes de saúde dos estados e municípios para que fizessem uma busca ativa por adolescentes e jovens de até 19 anos que não haviam recebido nenhuma dose do imunizante para que pudessem atualizar a carteira de vacinas.

Fato é que os índices de cobertura seguem baixos, embora melhores que em anos anteriores. De acordo com os dados mais recentes, em 2023, foram aplicadas mais de 6,1 milhões de doses da vacina contra o HPV — o maior contingente de vacinados desde 2018. Neste ano, a cobertura vacinal chegou a 5,1 milhões de pessoas, o que corresponde a uma elevação de 42% em relação

a 2022, quando foram aplicadas pouco mais de 4 milhões de doses.

O esquema de dose única é adotado em outros 37 países, seguindo recomendações de autoridades médicas internacionais. Já os especialistas brasileiros alertam para a tendência de queda em outras coberturas, não somente no que se refere ao HPV, mas também de imunizantes que já integram o calendário do Programa Nacional de Imunizações (PNI), que combatem doenças como sarampo e poliomielite, sendo que a primeira deixou de ser considerada erradicada no Brasil em 2018, época em que foi registrado um surto da doença, com mais de 10 mil casos e 12 óbitos.

O esforço do Ministério da Saúde envolve o Movimento Nacional pela Vacinação, que inclui ainda as vacinas contra a covid-19 e uma valorização maior dos serviços prestados pelo SUS. Vale lembrar que até abril deste ano apenas 22% do público-alvo havia se vacinado contra a gripe na rede pública, ou seja, 14,4 milhões de pessoas de um total de 75,8 milhões de doses reservadas para 2024. As unidades da Federação com as menores porcentagens da população vacinada contra o vírus influenza são: Distrito Federal (13,78%), Mato Grosso do Sul (14,18%), Mato Grosso (14,36%), Bahia (14,92%) e Rio de Janeiro (17,76%).

Iniciada oficialmente em 25 de março, a campanha se estende até o fim do primeiro semestre nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. No Norte, começa no segundo semestre, em decorrência de características climáticas da região. Agora é torcer para que a baixa cobertura do primeiro semestre (pelo menos por enquanto), não se repita no segundo.



HENRIQUE LESSA
henriquelessa.df@dabr.com.br

Tragédia de muitas faces no Sul

Quando cheguei para a cobertura do **Correio** em Porto Alegre, no início de maio, encontrei uma cidade em colapso, imersa na inundação e na escuridão. Agora, com as águas baixando, a noção da tragédia se materializa de forma mais concreta.

Mesmo o olhar treinado do repórter acaba turvado pela emoção de ver a minha cidade natal arrasada, um cenário de destruição sempre acompanhado do odor repugnante das águas fétidas que cobriram as ruas das minhas andanças da juventude.

Em situações como essa tragédia que acontece no Rio Grande do Sul, muitas vezes é difícil manter a objetividade exigida pela função de repórter. Com muitos afetos e parte da minha história nessas terras, partilhei esse sentimento de luto e até de um certo descrédito com tudo que vi nesse lugar que tem uma história e tradição tão singulares e, ao mesmo tempo, tão brasileiras.

Mas o que mais me impactou ao chegar ao cenário de guerra do estado do Sul não foram os estragos das águas, mas o testemunho de dor e o desespero gravado no rosto de tantos que perderam tudo, até mesmo seus entes queridos. Pessoas que não choram apenas pelo tijolo e cimento das suas casas, mas por parte importante da própria identidade, sedimentada nos locais onde construíram, ao longo dos anos, as suas histórias de vida.

E para contarmos um pouco dessas histórias, enfrentamos os mais diversos contratemplos. Só conseguimos chegar ao estado, com o aeroporto da capital alagado, com a ajuda da Força Aérea, que nos levou até a Base Aérea de Canoas, cidade que teve o maior número de desabrigados. De lá, ir para as outras localidades foi mais um desafio: sem transporte público

e uma pequena oferta de táxis e carros de aplicativo, contamos com caronas e a solidariedade do povo que, mesmo entristecido, nos recebia com carinho e reforçava a importância de contarmos para o resto do Brasil o que acontecia por lá.

Com muitas cidades e bairros inacessíveis, ou interligados apenas por estradas precárias, como aconteceu por semanas em Porto Alegre, os problemas de mobilidade da reportagem foram enormes. Já no segundo dia, depois de visitar um abrigo em Canoas, ficamos por quase seis horas esperando um reboque após perdermos dois pneus do carro ao passar por um buraco na rodovia coberta pelas águas.

Mesmo molhados, seguimos e, apesar dos percalços, percorremos o estado e continuamos contando aos leitores do **Correio** algumas das histórias que testemunhamos. Para isso, fomos até mesmo onde só de barco se chegava, navegando por ruas que foram transformadas em caudalosos rios.

E, nesse caminhar, até nas histórias mais tristes, sempre testemunhamos a ajuda e o voluntariado de todo o país que atuou alimentando, também de esperança, gaúchos e gaúchas que, agora, precisam reconstruir um estado arrasado.

O que acontece no Rio Grande do Sul já é a maior tragédia climática do país, mas, infelizmente, não é uma novidade no noticiário. Precisamos decidir, como sociedade, não ter mais essas manchetes em nossos jornais, e isso só será possível com a criação de políticas públicas de longo prazo para a prevenção e a mitigação desses eventos, que devem acontecer com mais frequência em tempos de mudanças climáticas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Literatura

Venho manifestar a minha surpresa diante da afirmação do cineasta Jorge Furtado (*Diversão&Arte*, 6/6/24), segundo a qual o livro *Grande Sertão: Veredas* é, “sem dúvida, o maior romance da língua portuguesa...”. Não resta a menor dúvida que se trata de uma grande obra, entre as maiores da literatura brasileira. Mas, qualificá-lo como “o maior romance da língua portuguesa”, aí há controvérsias. Massaud Moisés, por exemplo, diz que se trata do livro “mais importante” de Guimarães Rosa. Não afirma, contudo, que é o maior das literaturas de Portugal, do Brasil e dos demais países que falam o português. Há que se respeitar a opinião do consagrado cineasta conterrâneo. Mas, por acaso, Antônio Cândido, Agripino Grieco, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés, José Paulo Paes, Wilson Martins e outros consagrados críticos brasileiros concordariam com essa opinião? Parafrazeando o que se diz nos botecos, no nosso caso nos botecos de Brasília, tão bem retratados pelo saudoso cronista Paulo Pestana, que recentemente nos deixou, podemos dizer que “o papel suporta tudo”.

» **Joares Antonio Caovilla**
Asa Norte

Promessas

“A que novos desastres terminas?! de levar estes reinos e esta gente?! que famas lhe prometerás?! que histórias?! que triunfos?! que palmas?! que vitórias?” — Luís de Camões, autor de *Os Lusíadas*. O velho do Restestelo, personagem da bora, homem difícil, pessimista e dado a falar o contrário do que se espera, disparou as perguntas a Vasco da Gama e a outros peixes graúdos da Corte de Portugal, no momento em que largavam do cais de Belém, sob as palmas da multidão, para a viagem que os levaria a descobrir o novo caminho das Índias. Eles juravam estar indo “além da força humana” pelo bem da pátria, mas só estavam interessados mesmo em sua fama, fortuna e ambições pessoais. Se ainda estivesse circulando por aí, o áspero velho bem que poderia perguntar ao presidente Lula: “Suas promessas que fez em sua campanha eleitoral foram verdadeiras?” Lula prometeu, por exemplo, virar o país

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Praias: melhor Sol do que mar privatizado..!

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

A harmonia entre os Poderes por uma blusinha.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Anistia significa perdão para quem cometeu um crime. A trama dos conservadores do Congresso para anistiar Bolsonaro pode ser entendida como ele sendo o culpado pelo atos terroristas de 8 de janeiro de 2023.

Joaquim Honório — Asa Sul

A Universidade de Brasília (UnB) comemorou os 21 anos da implantação das cotas raciais nesta quarta-feira, mas ainda estamos longe da real democracia racial.

João Paulo Oliveira — Asa Norte

Congresso legaliza a prática de difusão de fake news. Isso que é coerência.

Giovanna Gouveia — Águas Claras

decorrência de suposto nepotismo, uma vez que fazê-lo corresponderia a inovação na ordem legal e mesmo constitucional — o que cabe estritamente ao Poder Legislativo. É louvável que a ministra demonstre tamanha moderação e respeito à divisão de competências dos Poderes, em consonância com os ditames da Carta Magna. Caso raro a se exaltar em tempos de tanto ativismo judicial!

» **Elias Menezes**
Belo Horizonte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br